

Folha de S. Paulo

7/4/2002

HISTÓRIA

Podão, outrora usado como marco dos movimentos grevistas de 1984, se transformou em instrumento de violência

Símbolo de bóia-fria, podão vira arma de crime

Marcelo Toledo

Da Folha Ribeirão

Outrora símbolo da luta dos bóias-frias por melhores condições de trabalho, o podão se transformou nos últimos anos, principalmente após a queda de vagas no setor registrada nos anos 90, em arma principal de crimes em pequenas cidades da região de Ribeirão Preto.

A situação mais crítica e registrada em Pontal, onde 8 dos 12 homicídios do ano passado foram praticados com podões. Mas os instrumentos de trabalho também já causaram assassinatos em Dobrada — onde a polícia estuda proibir o uso do equipamento — e em Guariba.

Ocorrências envolvendo o podão, como brigas, por exemplo, são registradas quase que semanalmente durante a safra, que deve começar até a próxima semana em todas as usinas.

O podão ganhou simbologia especial nos movimentos grevistas de bóias-frias deflagrados a partir de Guariba; em 1984, e espalhados por várias cidades do país.

O objeto, instrumento peculiar da região canavieira de Ribeirão Preto, tornou-se um equivalente da simbologia da foice e do martelo nos regimes comunistas.

Por causa do grande número de ocorrências envolvendo o equipamento em Pontal — de quatro a cinco lesões por semana, além dos homicídios —, uma portaria do delegado Hildon Pimenta de Pádua proibiu que os podões fossem guardados nas residências dos bóias-frias. Na prática, eles não podem mais portar o objeto.

"Os crimes sumiram depois da portaria. Nós registramos apenas um caso em dois meses, mas, como a safra começou apenas em uma usina, ainda é cedo para dizer se vai dar certo ou não. Pode ser coincidência, mas tudo indica que tem dado certo", disse Pádua.

Para especialistas, a atitude da polícia de Pontal é um preconceito contra os bóias-frias. "Isso só revela o que essas pessoas (os trabalhadores rurais) significam para as outras. O podão é uma ferramenta de trabalho e não significa que, tendo um em casa, ele vai se transformar em uma arma. Quem quer matar, faz isso até com uma caneta. É preconceito", afirmou a escritora e docente da Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Araraquara Maria Aparecida de Moraes Silva, que pesquisa há 25 anos os bóias-frias da região.

Em Dobrada, onde a polícia tem um programa de desarmamento para armas brancas, o delegado João Andreotti estuda a implantação da proibição.

"A idéia é muito boa. Se marcarmos 'bobeira', pode ocorrer crime com podão sempre. É preciso ficar atento", disse.

A medida adotada em Pontal proíbe que os bóias-frias desçam dos ônibus com os podões. Ela serve, segundo a portaria da polícia, para evitar crimes como o de J.C., que, após sair de um

bar em maio do ano passado, deu um golpe de podão em um bóia-fria que trabalhava com ele. O trabalhador rural morreu antes de chegar ao hospital.

"O golpe do podão atravessa o corpo. Não há osso que resista, mas é exagero creditar todos os problemas aos bóias-frias. Eles não são os culpados de tudo, pelo contrário", afirmou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pontal, Jairo da Costa Antônio.

Nos movimentos dos anos 80, um grupo de trabalhadores chegou a ameaçar outras pessoas com o podão. Os especialistas apontam que não se pode associar os movimentos grevistas de duas décadas atrás aos crimes de hoje. Para Maria Aparecida, as lutas dos bóias-frias foram importantes para a categoria.

Com a proibição do podão em Pontal, foi necessário "criar" um espaço nos ônibus dos "turmeiros" — responsáveis pelos grupos de trabalhadores — para que os instrumentos fossem guardados.

Segundo a polícia, há registros também de incidentes envolvendo o uso da ferramenta no trajeto que os bóias-frias fazem ao descer do ônibus e até chegar em suas casas.

"Se ele (o trabalhador rural) precisar de outro (podão), vai ter que devolver o que está sendo usado atualmente", disse o delegado Pádua.

(Folha Vale)